

**MATIAS CAVALCANTI COMO SUJEITO DISCURSIVO,
EM CORONEL DE BARRANCO**

Jamescley Almeida de Souza¹
Francisca de Lourdes Souza Louro²

RESUMO:

O texto apresenta uma abordagem discursiva sobre o romance amazônico *Coronel de Barranco* (1970), escrito por Cláudio de Araújo Lima. Procura relacionar a obra à sua exterioridade, trabalhando os limites do texto como parte do processo de significação. A corrente de estudo escolhida — dentre as três propostas por Michel Pêcheux para a da Análise do Discurso — foi o tipo de sujeito do discurso. O objetivo é delinear o sujeito discursivo da narrativa do romance, representado pela voz de Matias, narrador e protagonista. Procurará responder a seguinte ordem de questão: que identidades são assumidas pelo sujeito discursivo da narrativa? A partir de quais condições de produção essas identidades enunciam? Em que formações discursivas ou ideológicas esse sujeito (o narrador) se inscreve? Que vozes sociais se fazem presentes em seu discurso?

Palavras-chave: Sujeito discursivo. Narrativa. Coronel de Barranco.

ABSTRACT:

This paper presents a discourse approach about the Amazonic novel *Coronel de Barranco* (1970), written by Cláudio de Araújo Lima. It searches for relating the work to its exteriority, handling the text limits as part of meaningfulness process. The field chosen in Discourse Analysis — among the three fields proposed by Michel Pêcheux — was the type of discourse. The aim is to outline the discourse subject of the narrative, played by Matias' voice, narrator and main character. It will search to answer the following order of question: what identities are played by the discourse subject of the narrative? From which production conditions does he enunciate? In which discourse formations does he enroll? What social voices are presented in his discourse?

Keywords: Discourse subject. Narrative. Coronel de Barranco.

INTRODUÇÃO

A abordagem que ora se faz à narrativa do romance *Coronel de Barranco* diferencia-se daquele ponto de vista hermenêutico que pode ser realizado em uma obra. A Hermenêutica (“arte de interpretar”, do gr. *hermeneutiké*) — como a análise e a crítica literária — se atém aos limites do texto, nele mesmo e por ele mesmo, como diz Brandão (2002), procurando descobrir o seu sentido exato (GANCHO, 2002) e a decifração do comportamento simbólico do homem (RICOEUR, 1990). Daí se dizer que ela costuma “estacionar” na interpretação. A

¹ Graduado em Letras – Língua Inglesa (UNINORTE/Laureate Universities).

² Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra.

abordagem, por outro lado, que aqui se pretende é discursiva; é um trabalho com os limites do texto como parte do processo de significação; é uma relação da linguagem à sua exterioridade. Não visa a buscar um sentido verdadeiro através de uma “chave de interpretação”, mas “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2005). É um trabalho com “o que está entre a língua e a fala” (FERNANDES, 2008) e não apenas com o conteúdo do texto.

De acordo com Mari *et al* (1999), Michel Pêcheux (1938 – 1983) propôs três correntes para o estudo do discurso, que são: o tipo de discurso, o tipo de sujeito do discurso e o tipo de *corpus* organizado. O presente trabalho escolhe a segunda corrente — tipo de sujeito do discurso — para analisar a narrativa do romance amazônico *Coronel de Barranco*, de Cláudio de Araújo Lima (1970). Constituem, portanto, seus objetivos responder a seguinte ordem de questões: Que identidades são assumidas pelo sujeito discursivo da narrativa de *Coronel de Barranco*? A partir de quais condições de produção essas identidades enunciam? Que vozes sociais se fazem presentes em seu discurso? Em que formações discursivas esse sujeito (o narrador) se inscreve?

A primeira parte delinea o plano literário do romance, pois — mesmo que se trate de uma abordagem discursiva — a exegese do plano literário é, segundo Candido (2009), um procedimento de vital importância para se chegar ao pleno significado da obra. E na segunda lança-se mão dos dispositivos teóricos da Análise do Discurso para se tentar determinar o tipo de sujeito da narrativa.

O PLANO LITERÁRIO DE *CORONEL DE BARRANCO*

O narrador, o ponto de vista e o enredo

Coronel de Barranco é um romance histórico-documental escrito por Cláudio de Araújo Lima publicado em 1970. A sua narrativa procura reconstituir meio século do passado amazônico, partindo de 1876 — ano em que Henry A. Wickhan foge com as sementes de seringueira para a Inglaterra — e indo até 1926, ano em que se dá o fim da narração. Arrancando “pedaços de existência” de sua memória, o narrador traz à baila a poética do homem amazônico no apogeu da extração da borracha (SOUZA; LOURO, 2014a).

O romance é narrado em primeira pessoa por Matias Cavalcanti de Lima e Albuquerque, sendo ele próprio o protagonista e o narrador autodiegético. O ponto de vista (ciência) assumido é a focalização externa e o enredo é orgânico.

As personagens, o espaço e o tempo da narrativa

Entre as personagens, Matias divide — na maior parte do tempo — a cena com Cipriano Maria da Conceição, ou simplesmente Coronel Cipriano. Esse é o famoso *Coronel de Barranco* do “Fé em Deus”, seringal regido com punho de ferro lá para as bandas do Acre. Por meio da narrativa da vida de Coronel Cipriano, o leitor tem diante de seus olhos uma das maiores — senão a maior — figuras de exploração humana da época da extração da borracha na Amazônia: o seringalista.

Como personagens secundárias pode-se citar os tios de Matias, Amâncio e Raimunda, e as duas mulheres da sua vida: Rosinha, sua prima de “grande olhos negros”, por quem ele se enamorou e a quem jamais esqueceu; e Mitsi, a oriental de “olhos amendoados” radicada em Paris. No entanto, um verdadeiro caldeirão étnico de personagens secundárias e figurantes é exibido na narrativa: seringueiros, seringalistas, donos de casas aviadoras, cocotas de luxo de Manaus, aventureiros e imigrantes de outras nacionalidades — britânicos, franceses, asiáticos etc.

O espaço mostrado é a Amazônia ribeirinha, a Amazônia dos beiradões (BRITO, 2001). É um espaço eminentemente rural. São seringais, barrancos, rios, “estradas” utilizadas no corte da borracha. Por seu conflito psicológico, Matias é levado ainda à Manaus da “Belle époque”, assim como à Europa e à Ásia. Ter Manaus como espaço permite que se faça um contraste entre o luxo em que viviam os exploradores e a miséria vivida pelos explorados.

Por fim, o tempo de *Coronel de Barranco* é cronológico. Os caudalosos rios de memórias que fluem de Matias são apresentados linearmente e os acontecimentos são postos em discurso direto (SOUZA; LOURO, 2014a).

O SUJEITO DISCURSIVO DA NARRATIVA DE CORONEL DE BARRANCO

Em virtude de o sujeito mudar de acordo com a abordagem teórica (MARI *et al*, 1999), é importante esclarecer o tipo de sujeito aqui trabalhado. Deve-se diferenciá-lo do sujeito linguístico, pois este é “idealizado”, “falante”, apreendido em um contexto social imediato (ORLANDI, 2005). Já aquele, além de ser um sujeito “falando”, não se trata de um ser humano individualizado, alguém com uma existência particular no mundo

(FERNANDES, 2008). O sujeito discursivo é, antes, um ser social, apreendido em um espaço coletivo. É nesse espaço social que ele tem existência.

As identidades do sujeito discursivo de *Coronel de Barranco*

Identidade é uma noção fundamental em Análise do Discurso. De acordo com Fernandes (2008), trata-se de um “tema que vem sendo discutido por filósofos e sociólogos nos chamados estudos culturais pós-modernos”, dentre eles Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Zygmunt Bauman. O conceito tem sido incorporado ao arcabouço teórico da Análise do Discurso e constitui um dos pontos fulcrais para a determinação do tipo de sujeito discursivo.

A teorização sobre esse tipo de sujeito passa pelo conceito de identidade porque, para a Análise do Discurso, o sujeito não é fixo, mas “mutante”, “movente”, “heterogêneo”, “polifônico”, “fragmentado”, “plural”, “transitório”, “deslocado” e “descentrado” (MAGALHÃES, 2001; FERNANDES, 2008). No interior do discurso, e em diferentes momentos, ele assume várias identidades ou posições — conforme é interpelado —, fato que traz a lume o seu caráter contraditório e inacabado (BRANDÃO, 2002). Essa conceptualização das identidades chega a se aproximar da “identidade social” postulada em Sociolinguística, em que, de acordo com o “papel social” desempenhado, o locutor pode alternar entre diferentes formas linguísticas (MUSSALIM; BENTES, 2001). A diferença é que, em se tratando de discurso, essa movência ou pluralidade de identidades, estabelecida pelas interações com o outro em diferentes lugares da sociedade, passa a constituir o sujeito (FERNANDES, 2008). O seu “eu” passa a ser tomado, então, como um composto formado a partir de múltiplos fragmentos, conforme ele pratica o “jogo das identidades” (HALL, 2006). Como expressa Orlandi (2005):

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz: é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz [...] Nesse sentido é que os sujeitos são intercambiáveis. Quando falo a partir da posição de “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição. Quando, ao abrir a porta para um filho altas horas da madrugada, a mãe fala “Isso são horas?” ela está, na posição-mãe, falando como as mães falam. Exatamente. Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela está sendo dita. E isso a

significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora, de atriz etc.

O sujeito discursivo “troca” de identidade de acordo com a forma com que ele é interpelado ou representado. Ele continua “indivíduo” — do lat. *individuum*, corpo indivisível (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001) —, embora se fale em “descentração”, “deslocamento”, “fragmentação” e até mesmo em “crise de identidade” (HALL, 2006). O que acontece, porém, é uma dispersão do sujeito pelas várias posições assumidas por ele em seu discurso. Ele altera a sua prática discursiva de acordo com a descontinuidade dos planos de onde ele fala (BRANDÃO, 2002).

A coexistência de um núcleo interior integrado (indivíduo) e uma “descentração” ou “fragmentação” do sujeito só é possível graças ao que C. S. Lewis (1986) chamou de “percepção da sucessão”. E embora o sistema nervoso dos animais superiores lhes apresente sensações sucessivas, somente o homem — ministro e intérprete da natureza (BACON, 2002) — possui consciência:

Suponhamos que três sensações se sucedam - primeiro A, depois B, depois C. Quando isto acontece com você, passará então pelo processo ABC. Mas, veja o que está então implícito. Isso implica em que existe algo em sua pessoa que se acha suficientemente fora de A para notar A indo embora, e suficientemente fora de B para notar B começando e passando a encher o lugar que A deixou vago; e ainda algo que reconhece a si próprio como mantendo-se o mesmo através da transição de A para B e de B a C, para que possa dizer: "Passei pela experiência ABC". Isto é então o que eu chamo de Consciência ou Alma e o processo que acabei de descrever é uma das provas de que a alma, embora experimente o tempo, não é em si mesma absolutamente "temporal". A mais simples experiência ABC como uma sucessão exige uma alma que não seja ela mesma um mero suceder de estados, mas sim um leito permanente em que rolam essas diferentes porções do fluxo das sensações, e que se reconhece a si própria como sendo a mesma sob todas elas.

No romance *Coronel de Barranco* o sujeito discursivo da narrativa é representado pelas diferentes identidades ou posições que o seu narrador, Matias Cavalcanti, assume em diferentes momentos. Ao longo do enredo, conforme é interpelado, Matias joga o “jogo das identidades” (HALL, 2006), trocando frequentemente de papel social. É possível distinguir — pelo menos — doze desses papéis ou identidades por ele preenchidos: sobrinho, primo, intérprete, estrangeiro, esposo, quarentão repatriado, caixeiro de armazém, homem globalizado, executivo de seringal, seringalista, parisiense do pós-guerra e sexagenário repatriado.

Como sobrinho, Matias é um jovem recém-chegado do Colégio Anacleto em Manaus para morar com os tios Amâncio e Raimunda no seringal “Tristeza”. A estes ele obedece, como quando o seu tio lhe pede que acompanhe Wickhan aos lugares que ele desejasse ir pelo seringal. Coisa que Matias o faz, mesmo sendo de seu desagrado, já que o “emprego” colocava em perigo o modo como ele mais gostava de terminar o seu dia — entre conversas com sua prima Rosinha. O inglês o ocupava até mesmo altas horas da noite.

Disperso como primo, o jovem Matias conhece o seu primeiro amor, cuja contraparte é a prima Rosinha. Esta é, mais tarde, morta pelo borracheiro Sandoval por não corresponder ao amor dele e por carregar um “filho proibido” no ventre. Na ansiedade típica da idade, o mancebo conhece as primeiras estuações de amor, nas prolongadas esperas por conversar com ela durante os fins de noite.

Utilizando-se do pouco inglês que havia aprendido no Colégio Anacleto em Manaus, Matias desloca-se ainda para o papel social de intérprete. Ele obedece ao pedido do tio e torna-se o *tour guide* de Henri A. Wickhan, o *planter* britânico que contrabandeou as sementes de seringueira (*Hevea brasiliensis*) para a Inglaterra. Essa posição acabaria por selar para sempre o seu destino, pois chegou mesmo a aceitar o pedido do inglês para lhe acompanhar na volta à Europa, pois julgava que um jovem inteligente como ele estivesse “se perdendo” naquele fim de mundo.

Ainda na identidade de intérprete, Matias pode ser tomado como a intersecção da Amazônia com o mundo, exatamente como se apresentava a Manaus da *Belle époque* na segunda metade do século XIX. Ele é o ponto em que se entrecruzam os interesses econômicos do orbe nesse período e a farta oferta amazônica do látex. O homem amazônico que fala inglês e se mostra sabedor das últimas ideias veiculadas no mundo — Wickhan conversa com Matias sobre as ideias evolucionistas de Charles Darwin, à época em seu nascedouro — é a representação da Manaus cosmopolita da época, centro de visita e de empreendimentos estrangeiros do mundo inteiro. Tal aporte de recursos econômicos fez com que Manaus fosse a primeira cidade brasileira a contar com alguns serviços de infraestrutura urbana essenciais, como a eletricidade e o esgoto sanitário. Isso, entre outras especificidades, acabou fazendo da Vila da Barra a *Paris dos Trópicos* (SOUZA; LOURO, 2014b).

Na identidade de estrangeiro, Matias é o amazônida perdido no mundo. Ao aceitar o convite de Wickhan, o moço vai a Barbados e daí à Europa. Depois para a Ásia, onde entra em contato com o cultivo das mudas furtadas da Amazônia e plantadas na Malásia. É lá que ele encontra Mitsi, a oriental de “olhos amendoados” por quem se apaixona e com quem virá

a se casar. Matias, assim, une as duas pontas — a Amazônia e a Ásia (SOUZA; LOURO, 2014a).

Na posição de esposo, Matias conhece o maior amor de sua vida. Casado e vivendo com Mitsi em Paris, os melhores dias de sua vida se passam entre passeios românticos pelas avenidas da Cidade Luz e agradáveis visitas a famosos museus, galerias, cafés, livrarias e teatros. Nos braços dela, ele aprende a amar recitais e a ouvir boa música, como Chopin e Wagner.

Após a morte de Mitsi, Matias — já na meia idade — se vê apanhado por um incontável sentimento de saudades da pátria. “Tamanha distância, com oceano de permeio”, mantinha o amazônida longe do lugar em que nasceu e cresceu. É quando decide voltar e, jogando o “jogo das identidades”, se encontra disperso mais em uma — a de repatriado que demonstra admiração pelas mudanças radicais ocorridas na outrora Vila da Barra do Rio Negro (Manaus). Capitaneada pelo engenheiro militar Eduardo Ribeiro, a cidade se transmudava, aterrando igarapés, abrindo avenidas e erguendo edifícios imponentes, entre eles os monumentais Palácio da Justiça e o Teatro Amazonas.

Repatriado, Matias vinha em busca de novas aventuras. É quando decide ser caixeiro de armazém no seringal “Fé em Deus”, de propriedade do coronel Cipriano. Lá no alto Acre, já fronteira com a Bolívia, ele passa a ser o confidente de Cipriano, o homem a quem o coronel confia não somente a lisura dos livros de seu armazém, mas — principalmente — os planos de futuros negócios envolvendo a borracha. O caixeiro possuía opiniões formadas no que dizia respeito à monoeconomia amazônica, tão ancorada na borracha. Cipriano, como a maioria dos da sua época, não se importa muito, pois para ele “bife” (inglês) e “china” (orientais) não entendiam nada de borracha; logo, as *plantations* da Malásia não dariam certo. Tateando, para não entrar em desavenças desnecessárias com o inveterado coronel, Matias sabia conduzir com equilíbrio a situação. E ora ouvia as imprecações descabidas de Cipriano em relação aos estrangeiros, e ora injetava, aqui e acolá, um pouco de suas racionais preocupações em relação à parceria sino-inglesa.

Nessa identidade Matias cuidou não somente dos negócios do armazém, mas, em especial, dos miseráveis seringueiros. Sempre que podia, escondido do coronel, ele procurava cuidar da saúde dos machadinhos, com muito trato e humanidade.

Matias era um homem globalizado. Não media esforços para se manter informado do que ia no mundo. Havendo morado na Inglaterra e na França, lia jornais nesses idiomas que lhe chegavam às mãos. Afora o *Financial Times*, o *Bolsa Universal* e o *Phoenix*, ele lia

jornais em língua espanhola que aportavam no Acre via Bolívia. Por essas mídias, ficava sabendo das cotações da borracha nas bolsas de valores, do progresso das *plantations* no oriente, da invenção do aeroplano por um brasileiro, da produção de automóveis nos Estados Unidos da América e dos rumores de guerra em solo europeu.

Com a prisão de Cipriano em Manaus, Matias se vê sozinho no seringal “Fé em Deus”, rodeado por seringueiros que precisam de direção. De caixeiro ele passa, então, a deliberar, tudo com muito trato e humanidade. Nessa nova identidade de executivo, Matias pôs as cartas na mesa, esclarecendo o que se deveria fazer para tentar a “travessia daquele mau pedaço”. A satisfação dele foi imensa, tendo em vista que os seringueiros se mostraram dispostos a ficar do seu lado e não abandonar o seringal:

Lutando de fato, lutando contra mil fatores adversos, procurei conduzir o barco; ao logo de meses e meses, pelo ano todo de mil novecentos e dezesseis [...] Bastava, porém, uma noite inteira de sono, para que, na manhã seguinte, como por milagre, eu acordasse refeito do pessimismo. Novamente disposto a prosseguir na aventura. Embora a realidade m torno de mim, sempre dura, só apontasse motivos para desanimar e buscar um ponto final, dando por encerrada mais essa fase do meu incurável quixotismo.

Após dirigir o seringal por tempo considerável sem Cipriano, Matias decide ir visita-lo na prisão para saber do futuro que tomaria a propriedade. Lá, o agora maduro Matias se surpreende quando tomar conhecimento do intento do velho seringalista: torna-lo único proprietário do seringal “Fé em Deus”.

Eu desejava, Comendador, que o senhor mandasse com urgência, mas com toda urgência mesmo, o advogado providencia a papelada do seringal, para passar a propriedade do “Fé em Deus” para o nome de seu Albuquerque. — Mas, coronel... — Por favor, não diga nada seu Albuquerque. Não estou fazendo favor nenhum pro senhor. — Mas... — O senhor foi pra mim o mesmo que um filho, um homem fino, de bom coração, preparado, que estragou sua vida me servindo. Sinto até remorso, o senhor pode acreditar. Quero que o seringal passe pro seu nome. Faço questão.

Ao sugerirem que o velho coronel tentasse procurar algum parente seu lá no Ceará, este respondeu asperamente: “— Nem me fale nisso. Não tem ninguém da minha raça lá no Ceará que mereça mais do que o senhor”.

Ao voltar ao seringal, Matias o transformou. Tratando com gentileza e generosidade os seringueiros, deixou-os contraírem casamento, o que fez com que os agora “lares” aumentassem em número e trouxessem um colorido todo especial àquele fim de mundo. Os

seringueiros também ganharam o direito de pescar, caçar e plantar. E esses alimentos “frescos” ajudaram a pôr um fim ao beribéri.

Mas Matias é cometido pela gripe espanhola. E sob recomendação médica viaja à Europa em busca de clima ameno. Em Paris, ele se dispersa em outra identidade — a de parisiense do pós-guerra. Sem Mitsi, ele não consegue mais se adaptar à Cidade Luz de 1921. A guerra havia mudado tudo por ali. O choque cultural aconteceu. Novos hábitos e nova visão de mundo. Mesmo aí, passa a sentir ansiedade por rever aquela gente que deixara no seringal, ao ser acometido pela gripe espanhola. Ele decide voltar.

Já senil e encanecido, Matias agora é o sexagenário repatriado. Ele volta ao seringal “Fé em Deus”, vindo de Paris, onde escolhera terminar os seus dias. Ele entra novamente em contato com os amigos deixados naquele local. Reencontra agora muitos deles casados — também já encanecidos — e com filhos já crescidos. Ele se emociona ao voltar ao velho barracão e ao velho armazém. Um turbilhão de lembranças atravessa-lhe a memória.

Condições de produção e inscrição ideológica

Como a língua se insere na história, grande parte do que os sujeitos dizem é determinado pelas condições de produção ou “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso” (FERNANDES, 2008). Colocando em outras palavras, o que é dito ou o que não é dito, ou, ainda, o que poderia ser dito e não foi, “não dependem só das intenções dos sujeitos”, como afirma Orlandi (2005). As margens do dizer, do texto (situação e memória) também fazem parte deles. Como a autora afirma:

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico [...] A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando casa tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Em *Coronel de Barranco*, a identidade de sobrinho de Matias produz seus discursos de obediência aos tios a partir das condições históricas de subordinação dos jovens aos mais velhos. Essa é, ainda, a sua inscrição ideológica: a de um jovem indivíduo ainda não

emancipado. Esse tipo de sujeição — que o leva a tornar-se intérprete de Wickhan a pedido de Amâncio — é ainda um aspecto social, pois assim a sociedade espera e cobra dos púberes. Quando Matias, mesmo a contragosto e ainda cansado por acompanhar o “botânico” em suas andanças pelo seringal, faz o gosto do tio, ele está agindo de acordo com essa memória que vem de séculos de tradição. E quando se percebe que o contexto sócio-histórico em questão se trata de uma sociedade baseada na cultura judaico-cristã, como pode ser considerada a da Amazônia, essa memória ganha ainda mais espessura.

As condições de produção envolvem a memória e esta funciona como interdiscurso (MAINGUENEAU, 1997). Na conversa entre Matias e a prima Rosinha é possível perceber o interdiscurso dominando cada formulação particular dos dois jovens, fixando o que eles dizem um ao outro:

— O dia correu bem para você com o inglês? Conte-lhe as peripécias da jornada, minuciosamente. — Pois eu não vou bem. — Aborrecimento com a tia Raimunda? [...]— Não. — Sentindo alguma coisa? Aquela dor de cabeça antiga? — Não. — Mas... — Apenas triste [...]— E quer saber de uma coisa? Não leve a mal eu me meter no assunto, mas eu me lembro de que você andava bem vestida, elegante, como se vivesse na cidade. — Ah... Você notou? Sempre achei você tão distraído.

Vê-se que o pré-construído, o que vem pela história, regula a enunciação dos dois jovens. Trata-se de um homem e de uma mulher — desse lugar é que ele fala — que se gostam, se admiram, mas a velha relação entre os sexos opostos — historicizada ao longo dos séculos — se impõe e fala mais alto: ele tentando respeitar uma “moça de família” e ela, na sua passividade, esperando pelo primeiro passo. Quando Rosinha, por exemplo, pergunta a Matias se “o dia correu bem”, ela não queria saber exatamente a respeito das “peripécias da jornada” contadas minuciosamente pelo jovem. A sua pergunta funcionava como um pretexto para trazer Matias para uma roda de conversas sobre algo mais profundo e emocional, que era a relação entre os dois. E se Rosinha agiu como mulher, não indo diretamente ao ponto em questão, Matias também agiu como verdadeiro homem, utilizando-se de minúcias sobre o dia a dia de trabalho para tentar desconversar o que é, às vezes, temível para o gênero masculino: amor. Todas as enunciações deles são formulações feitas e já esquecidas em algum lugar por jovens tais quais eles e que agora significam em sua conversa. Como quando, por exemplo, ele procura agir como protetor do suposto “vaso mais frágil” (a mulher) e lhe pergunta se o problema era de ordem emocional (aborrecimento) ou queixas típicas de mulher (a constante dor de cabeça). Os dois “pombinhos” praticam aqui o que Michel Pêcheux (1938 – 1983) chamou de “esquecimento número um”, também chamado de “esquecimento ideológico”,

pois é da “instância do inconsciente” (ORLANDI, 2005). Eles têm a ilusão de ser a origem do que dizem quando, na realidade, retomam sentidos pré-existentes.

O pré-construído sustenta ainda a forma como Matias, na identidade de intérprete, trata Wickhan. Ele não estava sendo pago pela função de *tour guide* do inglês pelo seringal. Mas Matias é brasileiro, e os brasileiros agem assim, são cordiais; a cordialidade é a contribuição nacional para a civilização mundial (HOLANDA, 1995). As deferências e o tratamento afetuoso que os brasileiros sempre souberam dar aos estrangeiros saem da história e irrompem na relação entre o jovem e o *planter*. É o caráter tupiniquim em ação.

Segundo Fernandes (2008), é “segundo as posições dos sujeitos que os sentidos se manifestam em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. Em *Coronel de Barranco*, é possível ver esse conceito em prática quando Matias, na posição de intérprete, tenta explicar a Henri A. Wickhan o “sentido” do vocábulo “estrada”. Isso porque o inglês se inscrevia em uma formação discursiva (ingleses, europeus) para cujos adeptos a palavra “estrada” é sinônimo de via pública larga e pavimentada para o uso de automóveis. E não aquela “linha imaginária, rasgada no coração da floresta”, ligando uma seringueira a outra. A confusão de sentidos decorre precisamente dos lugares diferentes de onde falam Wickhan e Sandoval. Matias, situando-se no meio termo dos dois — pois nota o conflito do inglês e sabe muito bem a que Sandoval se refere —, lança luz sobre outro aspecto das formações discursivas: “uma formação discursiva não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente ‘invadido’ por elementos que vêm de outro lugar” (PÊCHEUX, 1990 *apud* FERNANDES, 2008). Ele é um amazônida que entende da faina da seringa, mas, como intérprete de Wickhan, começa a ter a sua formação discursiva “invadida” pela do *planter*.

Na identidade de repatriado, o interdiscurso faz Matias dizer ao amigo encontrado em Manaus que estava “saturado de gente fina e polida”, e por isso precisava de uma aventura diferente. Ele só é capaz de enunciar isso porque já experimentara — na posição de amazônida estrangeiro — a polidez e os prazeres da civilização europeia. Bem diferente de quem nunca teve o contato com o mundo civilizado, para Matias esse era um sonho que já ficara para trás, lá no Alto Acre, com suas fantasias juvenis. O que sustenta, portanto, essa afirmação é toda uma filiação de aspectos sócio-históricos que, uma vez na Europa “fina e polida”, fizeram o amazônida sentir saudades da terra onde nasceu e viveu boa parte de sua vida.

A função de caixeiro, antes de Matias, já estava no mundo. O que o caixeiro diz, o modo como se comporta em relação à posição e a responsabilidade em reportar tudo ao coronel Cipriano é determinado por sua inscrição nessa nova identidade:

Recebeu-nos com uma cara de poucos amigos: — Encontrei isto aqui abandonado. — Abandonado propriamente, não, Coronel. Tomei todas as providências necessárias antes de sair e deixei instruções sobre como deviam agir. — Podia chegar aí um regatão e fazer uma porção de safadezas. — Fomos ver um brabo que esteve à morte e que conseguimos salvar [...] — Um brabo? Logo um brabo? Justamente por isso. Para livrar o senhor de um grande prejuízo.

O papel social desempenhado por ele requeria cuidados típicos da função, que se resumia em “tocar” o armazém e evitar que o seringalista viesse a ter prejuízos. A denominação de “brabo” era feita para se referir ao seringueiro que, recém-chegado ao seringal, estava devendo até a alma no armazém. Como não havia cortado ainda bastante seringa para ir abatendo a dívida, a sua morte significava prejuízo ao seringalista. Daí o cuidado que tinham com ele, “prescrevendo”, inclusive remédios caros para o salvar e terminar de atolá-lo ainda mais na dívida. Já os “mansos”, os veteranos com bastante saldo, eram tratados com desídia. Sua morte significava muito lucro ao patrão, que ficava com todo o saldo. Daí a proibição de possuir mulher ser uma das cláusulas pétreas do regimento de um seringal: o lucro deixado por um “manso” não ia parar nas mãos da família; permanecia com o seringalista. O lucro, sempre o lucro.

Matias só é capaz de tentar advertir o coronel Cipriano sobre o perigo que as *plantations* da Ásia representavam à borracha amazônica por causa de sua condição de homem globalizado. Seu interesse em ler jornais estrangeiros, como o *Financial Times* e o *Phoenix*, acabava por dar-lhe uma memória discursiva que o mantinham à altura de ser um consultor financeiro a ouvidos moucos como os do seringalista. É esse saber discursivo que o compromete com suas cuidadosas advertências ao velho coronel: “Cada dia que passa, vou ficando mais alarmado com a quantidade de borracha da plantação lá no oriente [...] Antes fosse assombração, Coronel. Mas, infelizmente, é a realidade. E muito dura [...] O Oriente está assustando”.

Quando Matias chega à posição de executivo de seringal e seringalista é possível verificar a força que tem o interdiscurso. Como diz Orlandi (2005), “no interdiscurso fala uma voz sem nome”. Na condição de caixeiro, Matias sempre se esquivava de interrogar os seringueiros e de tratar diretamente com eles. Agora, como patrão, mesmo permanecendo

humano e generoso com todos eles, a “voz sem nome” fala por meio dele, mesmo além de sua vontade. A nova posição reclama uma discursividade apropriada: “— Viúva? Como é que você arranhou essa viúva, Paraíba? Hein? Conta essa história direitinho. — O senhor sabe, não é? [...] Explica direito esse negócio, Paraíba. Vamos, conta tudo. Deixa de rodeios, que eu te conheço de outras casas, como dizia o Coronel Cipriano”.

Aqui é a historicidade da condição de patrão que determina o que ele deve dizer e agir. Dessa posição é relevante, para a discursividade, mostrar que há alguém no comando e que a ele o subordinado deve esclarecimentos. Daí o interrogatório ir de cima para baixo, e as explicações reportadas, de baixo para cima.

Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (MAINGUENEAU, 1997). Quando Matias, agora já sexagenário, volta da viagem à Europa e, reencontrando velhos amigos, diz que tudo “vai melhorar, devagarinho”, ele o faz a partir do interdiscurso próprio à idade alcançada. O “já-dito” e o “já constituído” o impelem a ver o mundo dessa maneira: sem pressa, sem vexame, sabendo dar tempo ao tempo, sabendo que este — por vontade humana ou não — segue o seu próprio curso. E que, às vezes, quando se quer apressá-lo, ao invés de domá-lo, acaba-se cometendo danos e atrocidades ainda maiores. Como diria Erasmo de Rotterdam (1466-1536), “quanto mais entra na velhice, tanto mais se aproxima o homem da infância, sem desejar a vida e sem temer a morte”. Dito de outra maneira, sem nada se preocupar e sem nada temer.

As vozes sociais (polifonia)

É de fundamental importância, para a compreensão do sujeito discursivo, identificar que vozes sociais se fazem presentes em sua voz (FERNANDES, 2008). O sujeito discursivo não é de maneira nenhuma homogêneo. Ele se constitui de elementos diversificados — heterogeneidade —, do entrecruzamento de diferentes discursos. Em um discurso outros discursos, outras vozes falam. A esse conjunto de diferentes vozes presentes na voz do sujeito dá-se o nome de polifonia, desenvolvida por Bakhtin e retomada, posteriormente, por Ducrot, de quem recebeu tratamento linguístico (MAINGUENEAU, 1997).

Mikhail Bakhtin desenvolveu sua teoria da polifonia quando analisava uma série de textos — sobretudo os textos literários de Dostoiévski — e acabou por descobrir que todo discurso é tecido com o material de outros discursos e que não existe discurso monológico,

mas discursos que se “fingem” monológicos (BAKHTIN, 1981 *apud* BRANDÃO, 2002). Arelado à noção de polifonia está o conceito de dialogismo e de heterogeneidade. Esses dois conceitos são a razão de ser da polifonia, só existindo, na verdade, em função do caráter dialógico da linguagem e do fato de a verdadeira função da língua ser a interação verbal (BRANDÃO, 2002).

É possível notar, dentro da narrativa de *Coronel de Barranco*, a existência de outras vozes sociais. Discursos diferentes se entrelaçam conforme seu sujeito discursivo desenvolve a diegese. Como exemplo, pode-se apontar os discursos dos seringueiros amazônicos que, para a realização do corte das árvores de seringueiras, utilizavam-se das chamadas “estradas”. O narrador emprega o termo com toda naturalidade, mas somente os borracheiros chamavam de estrada “uma linha imaginária, rasgada no coração da floresta, a golpes de facão, para ligar uma seringueira aqui a outra seringueira. O uso da palavra provoca risos em *mister Wickhan* — *road*, para ele, era outra coisa bem diferente —, mas o vocábulo era integrante natural do socioleto usado pelos machadinhos. “— *What*, Matias? E não pôde conter o riso. Ria a bom rir, observando o esforço com que eu, manejando meu pobre vocabulário, tentava dar-lhe uma ideia do que se chamava ‘estrada’ num seringal”.

Uma voz que também aparece é a do índio e do caboclo amazônico, cuja língua marcou perenemente a toponímia da região. Quando a lei do dia 17 de Agosto de 1758, emitida pelo Marques de Pombal, ministro do Rei de Portugal, impediu o uso da língua geral na Amazônia, instituindo a portuguesa em seu lugar, esta já estava impregnada demais pelo *nheengatu*. Em *Coronel de Barranco*, são termos e mais termos, que lembram as palavras “tiradas” da boca do índio e do caboclo: *igarité* (canoa), *tucupi*, *cupuaçu*, *jacu*. E elas aparecem naqueles segmentos em que a heurística indígena mais contribuiu para que o espírito português vencesse os desafios de colonização da região: transporte (*igarité*, canoa), *tucupi*, *jacu* (culinária).

O discurso evolucionista, formulado por Charles Darwin (1828-1831) na segunda metade do século XIX, também se faz presente na narrativa. *Wickhan* era adepto das ideias do evolucionismo e, como bom britânico, se ufanava do *insight* apresentado pelo seu compatriota. O narrador deixa o evolucionismo falar em sua voz:

Com orgulho britânico disse-me que a cigana era a melhor prova de quanto estava certa a teoria de um sábio inglês, que provara estarem as espécies todas presas umas às outras, através de transições hoje quase impossíveis de encontrar [...] — Look, Matias, look. E mostrava-nos, assombrado, as garras de dragão em que terminavam as asas da cigana. Dizia-nos que se tratava de animal sobrevivente de uma fauna extinta, com aqueles inconfundíveis sinais de que, milhões de anos atrás, ela

caracterizava a transição de um réptil à condição de ave [...] que aquela asa tinha sido o equivalente do braço [...] que aquele incomensurável Amazonas era um pedaço de mundo que ainda não havia acabado de nascer [...] — *Ho! Darwin... Darwin... He is marvellous.*

O discurso dos contemporâneos da Manaus da *Belle époque* também ajuda a tecer o discurso da narrativa. Isso pode ser visto pelos nomes das ruas (“Rue Royale”), das pensões luxuosas (“Floreaux”), dos bancos (“London Bank”), dos restaurantes (“Restaurant Français”) e das companhias líricas (“prima dona”) que Matias encontra na outrora Vila da Barra do Rio Negro (Manaus) em seu retorno da Europa. O narrador abre o espaço em seu discurso para que sussurre a voz de uma época: “De espanto em espanto, ia-me deixando passear nos bondes elétricos [...] apreciando as edificações modernas [...] passando a pé pelas lojas elegantes [...] as ricas joalherias [...] repartições públicas imponentes [...] vários hotéis [...]”.

E como a historicidade está atrelada ao conceito de polifonia formulada por Bakhtin (BRANDÃO, 2002), o sujeito discursivo da narrativa não poderia deixar de recuperar inúmeros capítulos da História, em especial, aqueles ligados à Amazônia. É assim que aparecem, por exemplo, referências à Revolução de 1902, liderada por Plácido de Castro, que acabaria na reintegração das terras do Acre ao Brasil no ato da assinatura do Tratado de Petrópolis: “Àquela altura, o senhor bem sabe, ainda eram (as terras do Acre) consideradas bolivianas” [...] Finda a revolução, com a assinatura do Tratado de Petrópolis, completava-se o triunfo de Cipriano. Exatamente quando a borracha atingia os mais altos preços”.

Discursos da história mundial também atravessam a voz do narrador, como a referência à invenção dos pneumáticos, aos rumores da Primeira Guerra Mundial, à produção em escala de automóveis na América do Norte, ao simbolismo literário por meio da *Litanie de Satan* — de Baudelaire (1821-1867).—, ao Moulin Rouge da Paris efervescente do período pré-guerra e às primeiras plantações de sementes de seringueiras no Ceilão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever o tipo de sujeito de um discurso constitui uma das três maneiras ou correntes de estudo propostas por Michel Pêcheux para a Análise do Discurso. O presente trabalho analisou o romance amazônico *Coronel de Barranco*, escrito por Cláudio de Araújo Lima, e tentou apresentar o sujeito discursivo de sua narrativa: que identidades são assumidas por ele, a partir de quais condições de produção elas falam, que vozes sociais se fazem presentes em seu discurso e qual sua inscrição ideológica.

Ao longo da narrativa de *Coronel de Barranco*, o seu narrador, Matias Cavalcanti, assume diferentes identidades em diferentes momentos. Pode-se distinguir, ao menos, doze identidades ou papéis sociais preenchidos por ele. Dando a exata noção de que o sujeito discursivo é movente, mutante, heterogêneo, fragmentado, plural e não fixo, o narrador Matias joga o “jogo das identidades”. Ele vai da posição de sobrinho, quando jovem, à de um sexagenário de volta à pátria. O sujeito discursivo da narrativa se dispersa por essa descontinuidade de planos de onde ele fala.

Cada discurso produzido por essas diferentes identidades encontra-se envolvido por aspectos históricos, sociais e ideológicos. Essas condições de produção revelam que o que o sujeito diz ou não diz, ou, ainda, poderia ter dito e não disse, não depende somente das intenções dele. O eu-humano existência dependente do espaço que ocupa e do tempo em que vive. O contexto sócio-histórico-ideológico que envolve o discurso da narrativa perfaz cerca de 50 anos do passado amazônico: de 1876, período em que tem início a idade áurea da borracha amazônica, a 1926, tempo em que a Amazônia já conheceu a derrocada de seu ciclo econômico e lamenta a sua condição de viúva da luxúria.

Todo dizer é ideologicamente marcado. Quem fala, fala de algum lugar que revela a inscrição ideológica do sujeito. Nesse sentido, o sujeito discursivo não é individual, mas assujeitado ao coletivo. Na narrativa de *Coronel de Barranco*, o sujeito discursivo caminha por planos descontínuos de posição que vão do sobrinho submisso ao tio ao sexagenário de volta à sua terra. O que é evidente é que à medida que ele vai interiorizando o conhecimento da construção coletiva desses papéis sociais, ele vai também funcionando como porta-voz desses lugares. É assim, por exemplo, que a contragosto seu, obedece ao tio para ser intérprete *full-time* de Wickhan. O seu discurso de aceitação parte da formação discursiva de subordinação dos jovens aos mais velhos. E como um dos aspectos de uma formação discursiva é delimitar ou fixar o que pode ser dito, assim ele obedece ao tio. É assim, ainda, que Matias, ao chegar à posição de seringalista, interroga um de seus seringueiros, pois assim exigia o proceder da historicidade da condição de patrão. E é também assim que, na posição de empregado de coronel Cipriano, Matias vela para que seu discurso não contrarie o bom ânimo do seringalista.

Por fim, como todo discurso, a narrativa de *Coronel de Barranco* é atravessada por outras vozes sociais ou outros discursos já produzidos em algum lugar. A convite do narrador, esse arranjo de vozes entra e fala de uma visão de mundo ou de um sistema de ideias — quer citando, quer comentando ou parodiando —, o que corrobora que o eu-humano com

existência também é dependente dos diálogos que mantém com o outro e consigo mesmo. Nessa rede discursiva, a narrativa do romance ressoa o discurso dos seringueiros amazônicos, do índio e do caboclo, assim como do naturalista europeu por meio de Wickhan. Vozes advindas de capítulos da história do Brasil, como a Revolução de 1902, o Tratado de Petrópolis, a Comissão de Demarcação Terras de Euclides da Cunha e a Manaus da *Belle époque* também se fazem presentes. Discursos sobre a Primeira Guerra Mundial, o Simbolismo literário e o *boom* da produção de automóveis nos Estados Unidos também ressoam. É nesse sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros.

REFERÊNCIAS

BACON, F. **Novum organum**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. [S.l.]: Acrópolis, 2002.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BRITO, R. M. **O homem amazônico em Álvaro Maia: um olhar etnográfico**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. Trad. Neyd Siqueira. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 1986.

MAGALHAES, C. M (org.). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1997.

MARI, H. *et al* (org.). **Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges/Núcleo de Análise do Discurso UFMG, 1999.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** (vol. 1, 2 e 3). São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologia**. Trad. H. Japiassu. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

ROTTERDAM, E. **Elogio da Loucura**. Trad. Paulo M. Oliveira. [S.l.]: EbooksBrasil, 2002.

SOUZA, J. A.; LOURO, F. L. S. **Chuva Branca: o retrato cultural da sociedade amazônica brasileira na obra de Paulo Jacob**. *Revista Decifrar*, v. 02, p. 135-151, 2014b.

SOUZA, J. A.; LOURO, F. L. S. **Um presente para o Mister: o homem cordial em Coronel de Barranco**. *O Guari* (União da Vitória), v. 01, p. 1-15, 2014a.